



EDITORIAIS

Cinco minutos de fama

Por: **Aldo Zottarelli Jr.**

E ali eu estava. Com a minha mulher e um casal de primos. Sentados e aguardando o acontecimento maior para todos nós: ver e ouvirmos o notável cantor e compositor João Bosco.

A mesa dezoito estava ainda fria, como as demais que estavam dispostas no salão do Grupo Ginástico Rio clarense, no último sábado.

O presidente do clube me alertou: “o show começará as 23 horas em ponto”. Confesso que não acreditei e até lhe disse que em Rio Claro a plateia está acostumada a chegar após o horário determinado. E me lembro, ainda, que afirmei que o público Rio clarense, nem todo, é claro. Mas, a grande maioria é metido à besta e se considera mais importante que o artista. É a frustração eterna de querer ser também artista e não consegue. Ou aparecer mais do que os que fazem o show. E foi isso que aconteceu.

Primeiro: 23 horas e nada do show começar. Olhei para as mesas da plateia a maioria estava vazia. E frias. E agora? Perguntei a mim mesmo. Fiquei sem resposta.

Comecei a observar as pessoas chegando e nenhuma delas estava preocupada com as horas e os minutos do relógio. E o ruído das palavras se misturava com a voz e o violão de um excelente artista obrigado a cantar com voz bastante alta para poder ser observado. Ali estava a influência do falar e comentar com vozes perturbadoras e altas dos que estavam se acomodando nas cadeiras. Aliás, dependendo do show que irá acontecer, seria interessante que os artistas do pré-show fossem dispensados e substituídos com gravações de músicas mais tranquilas e até mais românticas. É o preparo da plateia para a magnitude do show que irá acontecer.

Confesso que a cadeira onde eu estava sentado começou a ficar aquecida. Mas de raiva porque eu não conseguia ouvir quem queria me contar alguma novidade ou me transmitir alguma informação. A voz e o violão do cantor estavam tão altos que ninguém conseguia ouvi-lo. Isso porque todos gritavam para se comunicarem acima do tom apresentado no pré-show.

Vinte e cinco minutos para a meia noite. Os músicos da Orquestra Filarmônica de Rio Claro – um dos nossos orgulhos musicais – começaram a ocuparem os seus lugares no palco. Minha cadeira ficou mais aquecida e percebi que aqueles que estavam ao meu lado estavam sorrindo.

Dez minutos depois aparece o maestro. Aplausos totais. Anuncia um número maravilhoso feito pela nossa filarmônica. A seguir ele foi buscar o artista daquele show: João Bosco. Aplausos e pequenos gritinhos das fãs.

E o show começa.

Epa. Ainda tinha gente chegando. Quarenta e cinco minutos do horário previsto para o início do show. Passaram a ter mais atenção do que o cantor e a orquestra. Parece que ali estavam os artistas da noite. E foram muitos.

Na mesa ao lado da minha o bate papo entre duas mulheres jovens não parava e estava tão forte que uma ficou de costas para o palco e a outra de lado. Ou seja, nenhuma das duas estava ali para assistir alguma coisa. Queriam aparecer mais que o João Bosco. A minha cadeira estava fervendo. De raiva. Eu não sabia se conseguia ouvir a voz do João Bosco ou se ouvia a conversa das duas folclóricas cidadãs mal educadas. E tem mais. Levantaram-se duas vezes de seus assentos e saíram do recinto com andar de manequins. Era isso que estava acontecendo. Não era show do João Bosco, mas o desfile de duas jovens. Uma, loira de cabelos compridos e corpo bem torneado, abaixo de um vestido primaveril. A morena, um pouco mais cheia, mas também com um corpo perfeito, dentro de um vestido verde. As duas sorriam para todos e desfilavam para frente da plateia. Que coisa! Será que os vestidos eram novos?

E assim foi o show até o seu final. João Bosco e a Orquestra Filarmônica deram o recado e muito bem dado. Magnífico, maravilhoso, inesquecível! E antes do seu final, as duas artistas da platéia ainda conversavam e atrapalhavam os que, como eu, queriam ouvir e ver o show.

A minha cadeira estava fervendo de ódio. Quase que me levanto para pedir silêncio para as duas formosas mal educadas. Mas ao ouvir João Bosco e a Filarmônica apresentarem “Papel Mache”, fiquei novamente feliz e entendi porque eu me encontrava ali, naquele local.

A diretoria do Ginástico está de parabéns pelo show de sábado passado, apesar da má educação daqueles que foram atrapalhar o espetáculo ou serem observados para, num futuro bem distante, jamais serem contratados para o único show que sabem apresentar que é o de perturbar quem quer ver e ouvir artistas do nível de João Bosco e Orquestra Filarmônica de Rio Claro.

Se queriam os cinco minutos de fama, tiveram. Aqui, neste Jornal da Manhã.

Não é mesmo?